



# ENSAIOS EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA OU LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Papers in Portuguese  
as a second or foreign language*

A Questão da Homossexualidade  
na Venezuela, Haiti e Brasil e as  
Implicações nas Relações Interculturais

Antônio José da Silva

Número 25

# **A QUESTÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NA VENEZUELA, HAITI E BRASIL E AS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES INTERCULTURAIS**

**Antônio José da Silva**  
**hustoun@gmail.com**

## **RESUMO**

A homossexualidade é tema controverso e, certamente, um fato social que merece reflexões. Quando pensada a partir da comparação entre países diferentes e da possibilidade de relações entre pessoas dessas nações, o tema necessariamente precisa ser pensado a partir da perspectiva intercultural, aproveitando-se, para tanto, do aprendizado da segunda língua, no caso o Português como Língua de Acolhimento o PLAc. Tendo em vista que o Brasil, na última década, presencia um fluxo migratório considerável, destacando-se a presença de refugiados do Haiti e da Venezuela, em especial na região Norte do país, este texto presta-se à reflexão de como a questão é tratada nesses países, abordando pontos que possam implicar, a partir de referências legais e sociais, estranhamentos e/ou confluências no trato do assunto. As tratativas sobre a temática consideram a Interculturalidade como base fundamental, utilizando-se das contribuições da categorização das culturas, em Lewis (2006), da comparação cultural, em Hofstede (2011), bem como da comunicação intercultural em Bennett (1998). Afora isso, este artigo intenta discutir o papel da escola, bem como de outros organismos sociais, espaços onde a presença desses refugiados é significativa, na discussão dessa e de outras questões.

**Palavras-Chave: Português como segunda língua - Homossexualidade – Interculturalidade**

## **THE ISSUE OF HOMOSEXUALITY IN VENEZUELA, HAITI AND BRAZIL AND THE IMPLICATIONS IN INTERCULTURAL RELATIONS**

### **ABSTRACT**

Homosexuality is a controversial subject, and certainly a social fact that deserves reflections. When thinking about the comparison between different countries and the possibility of relations between people of these nations, the subject necessarily needs to be thought from the intercultural perspective, taking advantage, therefore, of learning the second language, in this

case Portuguese as a Host Language. Considering that Brazil, in the last decade, has seen a considerable migratory flow, especially the presence of refugees from Haiti and Venezuela, especially in the northern region of the country, this text lends itself to the reflection on how the issue of homosexuality is treated in these countries, addressing points that may imply, from legal and social references, strangeness and / or confluence in the treatment of the subject. The discussions on the theme consider Interculturality as a fundamental basis, using the contributions of the categorization of cultures, in Lewis (2006), of cultural comparison, in Hofstede (2011), as well as intercultural communication in Bennet (1998). Aside from this, this article tries to discuss the role of the school, as well as of other social organisms, spaces where the presence of these refugees is significant, in the discussion of this and other questions.

**Key-words: Portuguese as a second language - Homosexuality - interculturality**

## **1. INTRODUÇÃO**

As fronteiras geográficas e culturais estão cada vez mais diminutas no mundo contemporâneo. Em razão da intensa circulação de pessoas, por conta do turismo, das atividades de intercâmbio, além do grande fluxo migratório que atinge significativa parte do planeta, nota-se como inevitável o contato entre povos e culturas diferentes, e, com ele, a existência de relações interculturais diversas.

Esses contatos culturais acontecem mesmo sem a vontade das pessoas. Nesse cenário, no convívio estabelecido cada um traz uma espécie de bagagem cultural, construída historicamente, com diversidade de elementos, comportamentos, os quais, por vezes, não são visualizados e assimilados de forma pacífica pelo interlocutor.

Nesse sentido, é razoável dizer que as relações interculturais são um desafio permanente para quem pensa em (precisa de) lidar com alguém de outra nacionalidade, bem como para quem estuda o tema sob a perspectiva da comunicação, do ensino dos idiomas, tendo como horizonte fundamental a questão da Interculturalidade.

Nessa perspectiva, considerando que a região Amazônica apresenta-se, na última década, como espaço de intenso fluxo migratório e da presença de refugiados, em especial de haitianos e, mais recentemente, de venezuelanos, interessa a este texto discutir componentes

culturais que possam, em alguma instância, interferir nas relações atuais e vindouras entre brasileiros e cidadãos das duas nacionalidades.

Como questão importante, que apresenta referências histórico-sociais diversas entre os três países, tratar-se-á, neste artigo, sobre como Brasil, Haiti e Venezuela lidam com o tema da homossexualidade, inclusive do ponto de vista legal e como, em situação de contato intercultural, as realidades particulares de cada nação podem concorrer para relações conflituosas ou não.

Adverte-se, por necessário, que não se dispõe, ao menos de forma específica, de pesquisas de campo sobre o tema, as quais pudessem demonstrar, por exemplo, como haitianos em território brasileiro lidam com a homossexualidade, considerando que são oriundos de um país em que essa prática não é acolhida. Sendo assim, as manifestações que aqui serão feitas dialogarão com repertório teórico que considera a comunicação intercultural (Bennet, 1998), a categorização das culturas (Lewis, 2006), além da comparação cultural encontrada em Hofstede (2011). Afora isso, acredita-se que discutir o assunto suscitará reflexões sobre aspecto significativo das relações interculturais, inclusive possibilitando debates ampliados sobre o mesmo.

Buscar-se-á, primeiramente, para que se alcancem os propósitos há pouco destacados, traçar um quadro sobre a questão da homossexualidade nos três países. Logo após, considerando os diversos aspectos da teoria da Interculturalidade, poderá ser possível entender quais elementos sociais e históricos, além de outros, podem estar envolvidos diretamente na forma como haitianos, venezuelanos e brasileiros enxergam a homossexualidade. Por fim, conjecturar caminhos para tratar do tema quando da ocorrência de relacionamentos entre cidadãos das mencionadas nacionalidades parece ser fundamental e contribuição valiosa para a percepção das nuances que envolvem o tema.

## **2. MASISIS: A VIDA DOS HOMOSSEXUAIS NO HAITI**

Segundo a Associação Internacional de Lesbianas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersex - Ilga World, o Haiti é um dos 55 países no mundo em que não há proteção ou criminalização para atos cometidos contra "pessoas adultas do mesmo sexo" que mantêm algum tipo de relacionamento<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>Os dados são de 2019, do mapa chamado "Leyes sobre Orientación Sexual en el Mundo" podem ser visualizados em: [https://ilga.org/downloads/ILGA\\_mapa\\_leyes\\_sobre\\_orientacion\\_sexual\\_mundo\\_2019.pdf](https://ilga.org/downloads/ILGA_mapa_leyes_sobre_orientacion_sexual_mundo_2019.pdf)

Efetivamente, entretanto, o que se pode perceber é uma quantidade expressiva de eventos que demonstram serem essas pessoas vítimas de atos violentos, os quais chegam, em casos extremos, à morte de pessoas envolvidas. Não são raros também casos de invasão de locais para proibição de cerimônia de união entre pessoas do mesmo sexo, a exemplo do que noticiou o portal G1 no dia 12 de agosto de 2013<sup>2</sup>. Na oportunidade, em matéria intitulada “Multidão ataca cerimônia de compromisso de casal gay no Haiti”, foi registrado que veículos foram incendiados e a casa em que ocorria o evento foi alvo de destruição.

Em contato com os haitianos que residem no Brasil, particularmente em Manaus, um dos termos de sua língua de origem – o crioulo haitiano - mais conhecidos pelos brasileiros é *masisi*, que é a palavra usada para identificar gays. É comum ver, nas ruas, brasileiros reportarem-se de forma jocosa uns aos outros como *masisi*, o que demonstra, hipoteticamente, ser nomenclatura depreciativa da figura dos homossexuais masculinos.

O fato é que a vida de pessoas LGBTIs - sigla que identifica gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e intersexuais e será usada daqui em diante - não é pacífica naquele país. Recentemente, em 2017, o parlamento haitiano iniciou oficialmente discussões para proibir e punir o casamento entre pessoas do mesmo sexo, logo após ter aprovado resolução para não permitir que essas pessoas obtivessem o chamado "certificado de boa vida", cujo propósito, dentre outros, é favorecer a obtenção de um emprego e até viajar.

No Documentário "Des Hommes Et Des Dieux", é possível visualizar outras questões que envolvem a vida de homossexuais masculinos no Haiti. Em francês, o vídeo mostra como as pessoas portam-se diante de um *masisi*: crianças, jovens e adultos olham de forma desprezível para Blondine, personagem do documentário, e o chamam de *masisi* insistentemente. Tendo como fundo uma feira popular na capital Porto Príncipe, Blondine fala das ofensas e insultos que sofre diariamente. Não é possível identificar nas imagens violência física, embora nas palavras da personagem esteja claro que as sofre.

Chama atenção, ainda, a manifestação de Blondine de que não é possível pensar em liberdade e aceitação dos *masisis* no Haiti. Ele fala sobre não ligar para as ofensas sofridas, mas o olhar distante do vendedor de tabaco no comércio popular entrega a infelicidade de quem vive os infortúnios da orientação sexual não aceita naquele país.

Em outro trecho do documentário, tem-se o depoimento do homossexual masculino chamado Innocente. Ele fala sobre a relação com o corpo e como isso é percebido pelas pessoas ao seu redor. É possível inferir que, nesse particular, da forma como as pessoas

---

<sup>2</sup>Mais informações em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/08/multidao-ataca-cerimonia-de-compromisso-de-casal-gay-no-haiti.html>

reagem à forma de se vestir dos homossexuais não há tantas diferenças com os comportamentos vistos no Brasil e que serão destacados adiante. Innocente diz que:

"Eu tenho um corpo de homem, mas um estilo de mulher. Meu problema é que eu moro com as classes mais baixas. Onde eu moro, as pessoas não são educadas. Não estão acostumados a ver pessoas como eu. Quando eu uso uma peruca, saltos altos, as pessoas olham pra mim e riem" (tradução deste autor, doravante t.a.)

Vale aqui registrar também a percepção que a família de Innocente tem da sua vida. Para os familiares, ele nasceu assim, ele não aprendeu isso. Quando ele era criança, já era assim. A mãe mencionou a intenção de mudá-lo, mas que era visível que Innocente costumava usar roupas e sapatos de meninas, até calcinhas. Nesse particular, é interessante a iniciativa da família para buscar a pretensa cura do membro da família. Quando se fala de homossexualidade, ainda hoje são comuns iniciativas para esse proceder. No Brasil, inclusive nos últimos anos, essas discussões voltaram a ocorrer de forma mais intensa no parlamento.

De forma geral, é possível inferir que no Haiti a homossexualidade é tratada como uma patologia social a ser combatida, inclusive com interferência dos poderes constituídos para tanto. O que interessa a este texto, especialmente a partir das intersecções a serem feitas com Brasil e Venezuela, é perceber como haitianos, a partir da sua vivência histórica e social, poderiam lidar com a homossexualidade em situações diversas da sua.

Além disso, considerando que há muitos haitianos nas escolas brasileiras - em Manaus o número desses e de venezuelanos nos ambientes escolares é cada vez maior -, é preciso pensar como o ambiente educacional pode (e deve) lidar com temas como esse, possibilitando, por importante, que o contato intercultural, nesse assunto como em outros, possa ocorrer de forma menos traumática possível.

### **3. CHAVISMO HOMOFÓBICO? A QUESTÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NA VENEZUELA**

Em artigo publicado no jornal El País, intitulado "Chavismo Homofóbico"<sup>3</sup>, o jornalista Oliver Stuenkel trata de como, desde Hugo Chaves, a Venezuela, a partir de suas figuras políticas mais representativas, utilizaria gestos homofóbicos como forma de combate

---

<sup>3</sup>No texto, o jornalista demonstra como não somente a Venezuela, mas outros países da América do Sul lidam com a questão da homossexualidade, especialmente a partir da atuação de líderes políticos.  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/10/opinion/1491860659\\_262989.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/10/opinion/1491860659_262989.html)

político-partidário. Isso, segundo ele, teria implicado até a cassação dos direitos políticos do opositor de Nicolas Maduro, o líder da oposição Henrique Capriles, defensor dos direitos dos cidadãos LGBTIs.

Na matéria, informa-se que Maduro costumaria cognominar Capriles pelos termos "maricón", "senhorito" e "capriloca", o que também seria prática de outros líderes sul-americanos como Evo Morales e Corrêa, presidente do Equador, o primeiro identificado como político de esquerda a quem, na teoria, seriam comuns ações mais progressistas no campo social.

Longe de aqui se pretender uma resenha jornalística, o propósito de mencionar a contribuição de Stuenkel é para, como se fez na primeira parte destes escritos, situar como a questão da homossexualidade é refletida agora na Venezuela<sup>4</sup>. Nesse sentido, importa igualmente trazer à discussão outras reportagens que versem sobre o tema: numa, veiculada pelo portal G1, destaca-se que os policiais venezuelanos poderiam ser gays, mas haveria uma condição: esconder a sua orientação sexual.

A propósito, nesse cenário de se encobertar a orientação sexual, contribui para a constituição do panorama sobre a homossexualidade na Venezuela o filme "Tamara", que trata do tema cognato que é a questão dos transgêneros. Trata-se de um filme que narra a história da primeira deputada transgênero eleita para o parlamento venezuelano, chamada Tamara Adrián, considerada uma ativista LGBTI.

É muito representativa a fala da diretora do filme, Elia Scheneider, ao registrar como as forças policiais trataram as filmagens. Segundo ela,

"(...) havia uma espécie de policial com questionários, que acompanhava o roteiro e perguntava por que o personagem tinha virado para a direita ou para a esquerda, ou por que eu havia mudado determinado diálogo. Não dá para um artista criar assim. Não há liberdade alguma de expressão. Por isso não volto." (reportagem do jornal O Globo de 02/12/18)

Como se pode ver, o tema dos transgêneros e da homossexualidade também não é visto como algo pacífico na Venezuela. Distante das arbitrariedades observadas no Haiti, as quais se bandeiam a ações intolerantes e violentas, no país de Maduro há, como é flagrante na fala da diretora do filme, bem como no próprio produto, evidente dificuldade daquele país em

---

<sup>4</sup> Segundo o mapa "Leyes sobre Orientación Sexual en El Mundo - 2019" do Ilga World, na Venezuela, a proteção para homossexuais resume-se ao ambiente de trabalho.

tratar o tema. Inclusive demonstra-se nas cenas de “Tamara” a resistência do ambiente universitário para que ela possa usar roupas femininas e continue a lecionar na faculdade.

Legalmente, não há proibição na Venezuela para que pessoas do mesmo sexo relacionem-se; entretanto, segundo a Constituição daquele país, o casamento entre essas pessoas não é permitido. No artigo 77 do mencionado texto legal, diz-se que

Se protege el matrimonio entre un hombre y una mujer, fundado en el libre consentimiento y en la igualdad absoluta de los derechos y deberes de los cónyuges. Las uniones estables de hecho entre un hombre y una mujer que cumplan los requisitos establecidos en la ley producirán los mismos efectos que el matrimonio. (artículo 77, Constitución de la República Bolivariana da Venezuela).

Em síntese, mesmo longe de toda hostilidade que permeia a relação dos haitianos com os *masisis*, a Venezuela igualmente não demonstra uma relação tão amistosa com pessoas LGBTIs. É preciso dizer, entretanto, até pela realização de manifestações públicas desses cidadãos, que há uma liberdade maior para que esses possam expressar suas posições e pleitos e que, infelizmente, a postura política do presidente daquele país concorre de forma negativa para depreciar, na figura de seus oponentes, a imagem dos LGBTIs.

#### **4. SOBRE SER GAY NO BRASIL: DESAFIOS E CONQUISTAS**

Recentemente, o Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro encerrou o julgamento de ações que pleiteavam que a homofobia fosse tratada como crime de racismo no país. Os pleitos baseavam-se numa lacuna existente no Congresso Nacional do Brasil, que estaria emperrando discussões em relação ao tema. As ações impetradas na corte máxima brasileira decorrem de dados de diversos organismos mundiais que comprovam que o Brasil é o país que mais mata homossexuais, travestis e transexuais no mundo.

Interessante iniciar as reflexões sobre homossexualidade no Brasil sob esse prisma, pois embora se tenha a aparência de que a população LGBTI possa se manifestar livremente, incluindo-se aí as expressões de carinho e amor em público, o país é, há muitos anos, líder no triste ranking do assassinato dessas pessoas, até mais do que o Haiti que, como dito anteriormente, trataria a homossexualidade de forma mais rígida.

Nesse cenário, embora possam se vestir como quiserem, circular em qualquer lugar com maquiagens e roupas femininas, homossexuais masculinos, por exemplo, continuam

sendo vítimas de investidas da violência. Por essa razão, aliás, é que o STF definiu que a homofobia é considerada crime de racismo.

Evidentemente que esses comportamentos não são características das últimas décadas. Ao tratar sobre a homossexualidade no Brasil, Fry e MacRae (1983) apresentam narrativas várias sobre como as representações do movimento gay eram tratadas no Brasil, mesmo após os anos de censura. Eis um importante registro:

Apesar do abrandamento da censura e do fato de a homossexualidade nem sequer ser mencionada no Código Penal Brasileiro, em 1979 instaurou-se um inquérito policial contra os editores do *Lampião*, que seriam acusados de infringir a Lei de Imprensa por contrariar a "moral e os bons costumes". Anteriormente fora processado outro jornalista, Celso Curi, que escrevia regularmente no jornal *Última Hora*, de São Paulo, a "Coluna do Meio", espaço reservado para fofocas e informações sobre o meio homossexual. Apesar de estas ações policiais e judiciárias serem arquivadas, depois de complicadíssimos trâmites legais, o fato é que tanto aquele jornalista quanto os editores do *Lampião* passaram meses de intimidação e humilhação. Estes últimos foram salvos em parte pelo apoio do Sindicato dos Jornalistas, cujos advogados os defenderam. Seguramente era um sinal de que a homossexualidade deixava de ser objeto apenas de escárnio, começando a ser reconhecida a legitimidade de suas reivindicações. (p. 21, 22)

A literatura disponível sobre o tema traz um número significativo de registros que ratificam que, na verdade, a vida da população LGBTI no Brasil apresenta tensões diversas e lutas que perpassam décadas inteiras de luta para que direitos fossem reconhecidos, estando nesse contexto o reconhecimento da União Civil entre pessoas do mesmo sexo em 2015, pelo próprio STF, e também os empreendimentos para que a homossexualidade fosse retirada do quadro de doenças mentais.

Dessa feita, acredita-se que, como se disse, não obstante todas as liberdades de ser e agir dos LGBTIs no Brasil, a realidade de violência, opressão e cerceamento também se apresenta de forma grave e intensa ao longo dos tempos, mesmo com tantos progressos alcançados. Fry e MacRae (1983) refletem sobre esse cenário ao registrarem seu otimismo de que mudanças pudessem acontecer no futuro, ainda que o medo de retrocessos existisse.

(...) temos uma visão otimista do futuro, porque realmente a vida dos que são chamados e dos que se proclamam homossexuais nesta década de 80 é seguramente menos penosa do que foi aquela dos que vieram antes, graças, em grande

parte, aos movimentos homossexuais no mundo todo. É de se esperar que este avanço continue, mesmo se os exemplos que citamos da União Soviética mostrem que todo "progresso" é frágil. **A ameaça de uma reação contra as primeiras liberdades conquistadas está sempre presente.** (p. 119, grifo nosso, doravante g.n.)

De fato, os receios de Fry e MacRae não podem ser desconsiderados, haja vista o grande número de situações que comprovam, mesmo diante de conquistas legais, que a vida de LGBTIs é marcada por perigos. Nesse cenário, embora não haja pena de morte por conta de orientação sexual no Brasil, como acontece no Sudão e no Irã, por exemplo, ou as ações violentas no Haiti, pode-se dizer, diante da triste realidade de o país estar no topo do ranking de morte de pessoas LGBTIs, que, na prática, gays e afins são, sim, marcados por essa prática em escala preocupante.

Assim sendo, é razoável dizer – sem discutir minúcias sobre a vida dos homossexuais no Brasil ou nos outros países, pois não é o propósito maior destes escritos – que aqui em nosso país temos, de um lado, elementos para dizer que LGBTIs, em especial os homossexuais, gozam de certa permissão social para agir e se comportar da forma como acharem conveniente. Entretanto, no polo extremo, há a clareza de que essas pessoas são vítimas de violências extremas, como os homicídios, em princípio, por sua condição sexual, o que deve ser motivo de reflexão e intervenção dos poderes públicos, pois se trata da vida de seres humanos, o que está acima de qualquer outro aspecto.

## **5. A QUESTÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NUMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL: O PAPEL DA SOCIEDADE E DA ESCOLA**

Como se pode observar, ainda que sem discussões mais pormenorizadas, Haiti, Venezuela e Brasil apresentam, em linhas gerais, percepções um tanto distantes quando o tema é a homossexualidade, seja por conta das leis que tratam do assunto (ou da inexistência delas), seja em razão dos comportamentos sociais que envolvem a questão.

O que interessa, neste turno, é suscitar discussões sobre como a homossexualidade pode ser componente a ser refletido, considerando a presença cada vez maior de refugiados haitianos e venezuelanos em nosso país. Mais: é significativo perceber como a sociedade e, em particular, a escola, espaço em que a presença desses refugiados é substancial, pode atuar

para, na medida em que ocorra o ensino do português a essas pessoas, possibilitar uma compreensão dessa realidade, entendendo que esse ensino ocorre em ambientes multiculturais.

Isso é evidente, à proporção que se entende que o aprendizado de uma segunda língua, no caso o Português, ocorre não somente nos limites das estruturas gramaticais, mas em contextos envolvidos na e pela cultura. Sobre essa questão, Meyer (2013) registra que

(...) no processo da aquisição ou do ensino-aprendizagem de uma segunda língua (L2), o falante de qualquer língua materna (L1) precisa não somente aprender as estruturas gramaticais da língua-alvo, **mas também os padrões culturais da mesma**. Nesse processo, não deixa de se apoiar nas suas língua e cultura nativas, única referência identitária conhecida até então; porém, ao mesmo tempo, modifica a sua relação com essa sua origem, por influência das novas significações que a nova língua lhe apresenta. (p.55, g.n.)

Nessa mesma perspectiva, Bennett (1998), ao tratar da comunicação intercultural, aquela que ocorre da observação da cultura objetiva e da subjetiva, destaca que o grande propósito da comunicação intercultural é exatamente o respeito mútuo, o respeito pela diversidade, e não somente a tolerância.

Sendo assim, quando se pensa, por exemplo, como haitianos agiriam no Brasil, tendo em vista suas relações históricas construídas nos relacionamentos com LGBTIs, não é possível se afastar do sentido do que dizem Meyer e Bennett, ou seja: as interrelações culturais devem possibilitar que cada um possa lançar novos olhares para a realidade circundante.

Pensando dessa maneira, não seria aceitável - embora contraditoriamente aconteça igualmente por aqui - que no Brasil haitianos agissem com atos violentos ou com invasão de lugares para não permitir que cerimônias de união entre pessoas do mesmo sexo pudessem acontecer, até porque em nosso país esses atos estão legitimados por leis ou decisões judiciais, inclusive havendo grandes eventos dessa natureza, com a presença de muitos casais hétero e homoafetivos.

Bennett (1998) destaca que, de forma geral, nossa resposta à diferença é, num primeiro momento, evitá-la e que, quando não se consegue modificá-la, exclui-se, marginaliza-se, mata-se. Ao recordar dos depoimentos dos homossexuais haitianos, os quais de fato não se distanciam de muitas realidades no Brasil e também na Venezuela, resta claro que naquele país as humilhações, a violência física parece legitimada, justificada, tanto que os legisladores atuam no sentido de que esse proceder seja configurado como legal.

Avançando nessa reflexão, é preciso pensar como refugiados haitianos, eventualmente não conscientes das realidades culturais diversificadas inerentes ao viver em outra localidade, poderiam se comportar ao se depararem com homossexuais masculinos, por exemplo, vestidos como mulheres, com trejeitos, maquiagem. Como seria se esses fossem abordados por essas pessoas? Que situações conflituosas decorreriam desse contato? As respostas para essas perguntas efetivamente só teriam mais substância com dados estatísticos. Todavia, como apontamento ilustrativo, reportamo-nos aqui a dados encontrados no artigo *A Imigração Haitiana e a criminalidade no Município de Manaus* (TAMER, Alexandre dos Santos. POZZETI, Valmir César, 2013). Veja-se:

Crime	Haitianos no Infopol		Haitianos no SISP		Totais de Haitianos	
	Vítimas	Autores	Vítimas	Autores	Vítimas	Autores
Acidente de Trânsito c/Vítima	0	0	1	0	1	0
Acidente de Trânsito s/Vítima	0	0	1	0	1	0
Ameaça	0	1	6	1	6	2
Apropriação Indébita	0	0	0	1	0	1
Calúnia	0	0	0	2	0	2
Dano	0	0	0	1	0	1
Entorpecentes (tráfico e uso pessoal)	0	0	0	0	0	0
Estelionato	0	0	5	0	5	0
Extorsão Mediante Sequestro	0	0	0	1	0	1 *
Furto	0	0	24	0	24	0
Homicídio/Latrocínio	1	0	0	0	1	0
Injúria	0	0	2	1	2	1
Lesão Corporal	0	1	6	2	6	3
Outras Ocorrências Não Criminais	2	0	12	0	14	0
Perda/Extravio	9	0	93	0	102	0
Perturbação do Sossego	0	1	0	0	0	1
Roubo	2	0	21	0	23	0
Sequestro/Cárcere Privado	0	1	0	0	0	1 **
Violência Doméstica	0	0	0	1	0	1
<b>Totalização</b>	<b>14</b>	<b>4</b>	<b>171</b>	<b>10</b>	<b>185</b>	<b>14</b>

Fonte: autores, a partir de dados da Secretaria de Segurança Pública do Amazonas

Relativos aos anos de 2010 a 2013, os dados demonstram que o envolvimento de haitianos residentes em Manaus com a violência é bastante reduzido. Destaca-se o registro de 02 (duas) ameaças e 03 (três) lesões corporais no período, sem que se possa identificar alguma relação com o tema que aqui se discute. Nesse cenário, não tem razoabilidade dizer que haitianos ajam aqui à maneira como parece ser comum em seu país, quando o tema são pessoas LGBTIs.

No contexto em tela, importa significativamente que a escola, como espaço fundamental de mediação dessa e de outras questões, possa atuar de forma efetiva nas

abordagens das mesmas. Quando do ensino do português a esses imigrantes e refugiados, discutir o tema da homossexualidade, da vida de LGBTIs, suas realidades, assim como realizar abordagens sobre termos relacionados ao assunto pode ser caminho valoroso para que crianças e jovens dessas nacionalidades, e conseqüentemente suas famílias, possam ampliar sua percepção da homossexualidade. Sobre esse particular, Fleuri (2003) ressalta que

A escola constitui-se em território de enfrentamentos invisíveis, onde as diferenças são marcadas por aspectos visíveis como a deficiência física, o vestuário (indicador de pertencimento a uma classe social), as práticas religiosas, o sexo e a cor da pele. Alunos e professores vivenciam tais conflitos e encaminham soluções, na maioria das vezes sem a busca por uma compreensão de âmbito maior. Nesse sentido, o autor propõe a perspectiva da educação intercultural como estratégia para potencializar a própria ação desencadeada pelo conflito, mediante o diálogo e o encontro, **de modo que constitua espaços alternativos produtores de outras formas de identidades, marcadas pela fluidez, pela interação e pela acolhida do diferente.** ( p. 26, 2003 g.n.).

Entender, por exemplo, como o termo *masisi* pode ter uma força negativa para essas pessoas, na mesma medida de *maricón*, *capriloca*, *viado*, *bicha*, seria uma primeira iniciativa para situar novas possibilidades de abordagem em situações contextuais um tanto desafiadoras, se considerarmos, de um lado, a categorização das culturas, segundo a contribuição de Lewis (2006), e de outro, as dimensões culturais de Hofstede (2011).

Lewis (2006), ao trabalhar o conceito de categorização das culturas, intencionou estabelecer grupos de nações, cujos cidadãos apresentariam características e comportamentos semelhantes (por vezes comuns). Daí a divisão entre multiativos, ativos-lineares e reativos: os primeiros, onde estão encaixados o Brasil e a Venezuela, marcados pela emotividade e pela impulsividade; os ativos-lineares seriam frios e factuais; já os reativos, polidos, cordiais e conciliadores.

Embora ligadas ao ambiente empresarial e corporativo, as categorias apresentadas por Lewis ajudam, sem dúvida, a pensar como pessoas em diversos países podem lidar com fatos sociais. Venezuelanos e brasileiros, por exemplo, segundo essa teoria, teriam mais tendência ao diálogo, seriam mais receptivos. Dessa forma, poderiam lidar com maior naturalidade em relação aos LGBTIs.

Entretanto, se no campo político venezuelano e nos dados de violência contra a população LGBTI no Brasil aponta-se para o caminho inverso, pois sendo o Brasil o país com o maior índice de mortes desse grupo social e as manifestações na Venezuela ratificarem que

aquele país não garante plenamente o direito a cidadãos LGBTIs, pode ser que se esteja diante de uma questão a ser investigada com maior atenção, haja vista que é preciso entender quais as razões para que, não obstante a capacidade acolhedora de países multiativos, nos deparemos com essas situações de marginalização dessas pessoas.

Se trouxermos à reflexão as dimensões culturais de Hofstede (2011), especialmente no que se relacionam ao individualismo e à orientação em longo prazo, no caso da Venezuela, vai ser possível perceber, de um lado, que, naquele país, haveria uma forte tendência à tradição, à normatividade. Nesse cenário, seria possível inferir que situações que fogem ao padrão poderiam ser vistas com certa resistência ou de forma deturpada, como no caso do atual presidente daquele país.

Noutra ponta, é interessante perceber o que registra Hofstede (2011) sobre a questão do Individualismo, quando se trata do país vizinho:

Em uma pontuação de 12, a Venezuela está entre as menores pontuações individualistas; em outras palavras, está entre as culturas mais coletivistas do mundo, como Equador, Panamá e Guatemala. **Como os venezuelanos são pessoas altamente coletivistas, pertencer a um grupo e se alinhar com a opinião desse grupo é muito importante.** (t.a., g.n. encontrado em: <https://www.hofstede-insights.com/product/compare-countries/>)

Como se vê, considerando que nas dimensões culturais de Hofstede a Venezuela tem como característica a valorização do coletivo, o qual impõe o alinhamento das pessoas a determinados grupos, sob pena do seu esvaziamento, atina-se que essa questão apontaria para uma dificuldade de se lidar com situações desafiadoras como a homossexualidade. Nessa perspectiva a questão teria uma abordagem desvirtuada, como acontece no caso do presidente venezuelano Nicolas Maduro, cuja postura aponta para o desrespeito aos LGBTIs.

No caso do Brasil, um país em que se evitam incertezas, segundo o mesmo Hofstede, há a opção por leis, tratados que possam trazer garantias para as pessoas. Isso pode ser confirmado pela atuação da corte suprema do país, além do parlamento, é claro. O STF atua fortemente no sentido de estabelecer jurisprudências que possam ser usadas para que direitos e deveres sejam observados. Foi assim, recentemente, no deferimento do pleito para que a homofobia seja tratada como crime, até que o Congresso Nacional discuta o tema.

Numa nação em que crimes contra LGBTIs acontecem em grande proporção, a existência de um aparato jurídico tem, acima de tudo, efeito didático e social, além de estar na

contramão do que tem ocorrido no Haiti. Por isso, é fundamental que haitianos e venezuelanos residentes no Brasil possam compreender – via escola, via instituições como a igreja – que aqui há um caminho para que a violência e os homicídios de LGBTIs sejam evitados, combatidos.

Assim sendo, a escola, reforça-se, bem como a igreja, as instituições de acolhida a imigrantes, além de possibilitar o aprendizado dos aspectos linguísticos que envolvem o idioma-alvo, no caso o português, no intento de favorecer a socialização desses, pode (e deve) trazer questões como a comentada neste texto à discussão para, a partir das referências culturais de cada um, consolidar o perfil de aprendizado de uma língua que leve em conta os aspectos extralinguísticos envolvidos nesse aprendizado.

Tal proceder, combinado à apresentação da estrutura linguística do português, é, de fato, o grande desafio do ensino de segunda língua a estrangeiros. Na ocorrência dessa prática, é bem provável que o contato com um novo idioma seja, por importante, a oportunidade para que possíveis conflitos sejam evitados e estranhamentos mediados. É o aprendizado de uma língua na sua concepção mais robusta.

É preciso reiterar, no caso específico de Manaus, que apresenta grande fluxo migratório nesta primeira década do século XXI, o fato de que muitas crianças, adolescentes e adultos passam, seja através de iniciativas populares, seja por meio da educação formal, pela aprendizagem do Português como Segunda Língua, hoje chamado mais especificamente como Português como Língua de Acolhimento (PLAc). Sendo assim, esse tema da homossexualidade pode e deve ser discutido, utilizando-se, para tanto, de mecanismos diversos, dentre eles os subsídios mencionados neste artigo.

A apresentação de vídeos, leis de cada país, além de textos nas aulas, bem como a possibilidade de discussão do assunto na perspectiva intercultural, seria de grande valia para que tanto brasileiros quanto venezuelanos e haitianos pudessem reconhecer, além dos aspectos linguísticos, questões outras que envolvem a relação com a população LGBTI.

Dessas iniciativas, pode surgir a oportunidade para que povos dessas nações compreendam fatores que se relacionam a essas pessoas, implicando, quiçá, mudança de comportamentos em relação às mesmas, o que, por si, já seria algo extraordinário.

## **CONCLUSÃO**

Discutir o tema da homossexualidade é, em si, algo marcado por diversas compreensões históricas, sociais e políticas, as quais abarcariam muitas outras abordagens além dos registros pontuais que aqui se fez. Discuti-lo a partir da interrelação entre culturas, quando essas se tocam, seja por imposições, como no caso dos refugiados, seja por intercâmbios, é algo muito maior, com bem mais complexidades.

Na parte introdutória deste artigo, destaquei que a escolha pela abordagem do tema em relação a Brasil, Haiti e Venezuela decorreu da presença de um número significativo de cidadãos haitianos e venezuelanos no nosso país. Dessa feita, visto que em muitas ocasiões presenciei haitianos usando o termo *masisi* acompanhado de olhares reprovadores para homossexuais masculinos que passavam nas ruas do bairro em que resido em Manaus, instigou-me saber como essas pessoas eram tratadas no Haiti e na Venezuela.

Tratar da temática a partir de uma visão intercultural, subsidiada pelas contribuições dos estudos que levam em consideração a relação entre culturas, mesmo que tenham sido rasteiros os registros sobre a homossexualidade nessas nações feitos aqui, ajudou a estabelecer uma percepção que supera o entendimento cartesiano de que algo é certo ou errado em determinado país. Pensar dessa maneira desconsidera as razões para que algo seja como é.

A partir dos recortes jornalísticos apresentados, foi possível vislumbrar elementos que ajudaram a entender como o Haiti, em especial, ao menos do ponto de vista das forças políticas, projeta consolidar ofensivas contra a homossexualidade e a união entre pessoas do mesmo sexo, o que, atina-se, implica o comportamento social contrário a esse grupo de pessoas, o que, em alguma instância, também ocorre no Brasil, embora por aqui os aparatos legais caminhem para a defesa dos LGBTIs.

O fato é que existem, sim, muitos aspectos díspares entre Brasil, Venezuela e Haiti em torno do tema da homossexualidade. Sendo assim, a preocupação levantada neste texto é identificar como, em contextos de interrelacionamentos culturais, pessoas desses países podem agir diante da questão. Mais do que isso: como trazer ao centro da discussão, quando do ensino do Português como Língua de Acolhimento, tratativas sobre um tema como esse, com o fulcro de possibilitar olhares outros de todos os envolvidos.

Supõe-se, como dito nas páginas anteriores, que a escola, assim como outros organismos sociais, possa ser protagonista desse processo de conhecimento e assimilação dessas realidades culturais, possibilitando que repulsa possa ser convertida em aceitação e que estranhamentos tornem-se proximidades, pois, ainda que sejam bases culturais diversas, é necessário que no contato com o outro e sua sociedade essa diversidade possa ser observada e respeitada.

Dito isso, acredita-se que o ensino da segunda língua, a língua de acolhimento, ao estrangeiro, refugiado ou não, estará consubstanciado dos aspectos culturais, para que não se reduza à simples apresentação dos aparatos gramaticais, mas esteja em pleno diálogo com as vivências sociais, as quais são extremamente importantes para que a comunicação e a convivência sejam menos traumáticas e mais construtivas.

## REFERÊNCIAS

BENNETT, M. J. (ed.) *Intercultural Communication: a current perspective* In: Basic Concept of Intercultural Communication—selected readings. Yarmouth, Maine: Intercultural Press. Part 1. Pp.1-34

FLEURI, R. M. *Intercultura e educação*. Revista Brasileira de Educação, n. 23, p. 16-35, 2003.

FLEURI, R. M. (Org.). *Intercultura: estudos emergentes*. Ijuí, RS: Unijuí, 2002.

FRY, Peter. MacRae, Edward. *O que é Homossexualidade*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1983.

HOFSTEDE, Geert. “*Dimensionalizing Cultures: The Hofstede Model in Context*” in: Online Readings in Psychology and Culture. Article 8. Pg. 1-26, 2011.

LEWIS, R. D. *When Cultures Collide: Leading Across Cultures*. Nicholas Brealey International. Boston, 2006.

MEYER, Rosa Marina. *Cultural, Multicultural, Intercultural: o Português como segunda língua para estrangeiros*. in Revista Matraca (vol. 20), Rio de Janeiro, 2013.

RIBEIRO, Alexandre do Amaral (Org.). *Ensino de Português do Brasil para estrangeiros: internacionalização, contextos e práticas*. Rio de Janeiro: WAK; Epublik, 2016.

SINGER, M. R. *The role of culture and perception in communication* IN: WEAVER, G. R. (ed.) *Culture, communication and conflict—readings in intercultural relations*. Rev. 2nd. Ed. Boston: Pearson Publishing, Pp.28-53. 2000.

TAMER, Alexandre dos Santos. POZZETI, Valmir César. *A Imigração Haitiana e a criminalidade no Município de Manaus*. Revista de Direito Público. Londrina, v.8, n.3, p.55-76, set./dez. 2013. DOI: 10.5433/1980-511X. 2013v8n3p55.